



A Nefrologia, a transplantação renal e a Cultura como “pontos cardeais”

Entrevistado com vista para um edifício que tantas vezes frequenta — o Centro Cultural de Belém —, Domingos Machado conta-nos o seu percurso com mais de 40 anos na Medicina e na Nefrologia. O mote da conversa com a SPN News é a sua recente aposentação do Hospital de Santa Cruz, onde, nos últimos anos, dirigiu o Serviço de Nefrologia. Fazendo parte da equipa que inaugurou este hospital voltado para a transplantação desde a sua génese, Domingos Machado admite que ajudou a desenvolver essa vertente, sobretudo o transplante renal com dador vivo, no qual é considerado um pioneiro em Portugal. O nefrologista também se orgulha de sempre ter conciliado a agitada vida profissional com a paixão pelas atividades culturais, nomeadamente a música clássica, que o faz percorrer muitas e repetidas salas de espetáculos aquém e além-fronteiras.

Marta Carreiro

Domingos Machado nasceu a 29 de janeiro de 1952, em Lisboa, cidade que o viu crescer enquanto pessoa e profissional: foi lá que fez todo o seu percurso académico e a carreira de nefrologista. Seguir Medicina estava predestinado: “O meu pai e o meu avô eram médicos. Se durante uma fase da minha vida tentei fugir à ‘pressão’ que isso implicava, chegando a ponderar a Engenharia, quando chegou o momento de decidir o curso em que iria ingressar, não hesitei em optar pela Medicina”, conta.

O nefrologista frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa de 1969 a 1975, sendo que os últimos dois destes anos foram passados nos Hospitais Cívicos da cidade. “Tive um ensino de excelência. Havia um grande entusiasmo por parte dos professores e dos médicos dos Hospitais Cívicos de Lisboa porque, até essa altura, não tinham assumido quaisquer atividades docentes pré-graduadas. É um período que recordo com muito afeto.” Em 1979, Domingos Machado foi convidado para integrar a equipa responsável pela organização e inauguração do Hospital de Santa Cruz (HSC), onde acabou por realizar o seu internato em Nefrologia e toda a carreira no Serviço Nacional de Saúde. “Foi um desafio ir para um hospital novo, extraordinariamente diferente do que havia em Portugal nos finais dos anos de 1970”, recorda. Antes disso, o jovem estudante de Medicina tinha decidido que não optaria por uma

especialidade cirúrgica. Durante o internato policlínico no Serviço de Medicina Interna do Hospital de Santo António dos Capuchos, foi convidado pelo Prof. Jacinto Simões para integrar a equipa que daria continuidade à carreira de nefrologista no HSC. Domingos Machado aceitou o desafio e assim começou o seu percurso de 40 anos na Nefrologia.

Em 1987, o nosso entrevistado completou, com sucesso, os exames que lhe conferiram o grau de especialista em Nefrologia. Mais tarde, participou no concurso para obter o grau de chefe de serviço, cargo que assumiu em 1999, tendo-o desempenhado até à aposentação, no final de 2020, conciliando com a direção do Serviço de Nefrologia desde 2016. “Não recorro com particular alegria a responsabilidade que assumi nos últimos anos. O diretor do serviço não tem grande autonomia — é mais como uma interface entre o serviço e a administração hospitalar. Deparei-me com diversos desafios, muitos relacionados com a falta de apoio à Nefrologia por parte da administração do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental [CHLO], no qual o HSC está inserido. Esforcei-me muito para se reabrir a unidade de cuidados intensivos do Hospital de Santa Cruz, para evitar que, quando um doente está em estado muito grave, se tenha de procurar que seja aceite noutra hospital, sendo transferido em situação crítica, o que acarreta riscos acrescidos.

PIONEIRO NO TRANSPLANTE RENAL COM DADOR VIVO

Tal como a maior parte dos nefrologistas, o grosso da atividade clínica de Domingos Machado no HSC centrou-se no tratamento e no acompanhamento de doentes renais crónicos, quer nas fases pré-diálise quer em tratamento substitutivo da função renal. “Tive o privilégio de assistir a progressos notáveis ao longo da minha carreira, como a introdução da eritropoietina, a melhoria das técnicas de hemodiálise e diálise peritoneal, o aparecimento de novos esquemas terapêuticos e inovadores meios de diagnóstico.” O nefrologista destaca ainda o facto de o HSC ter sido o primeiro em Portugal a proporcionar diálise peritoneal contínua ambulatoria (DPCA) e também tratamentos de LDL-aférese para casos graves de dislipidemia.

A transplantação renal, principalmente com dador vivo, foi uma das valências mais presentes na carreira de Domingos Machado, que é reconhecido como um dos “pais” do transplante renal em Portugal. Aliás, a transplantação renal foi um dos desígnios da criação do HSC, que iniciou esta atividade em 1983, com a aceitação de “casos mais difíceis e que eram rejeitados pelas restantes instituições”. “O nosso primeiro transplante renal foi num doente com hepatite B que não tinha sido aceite por outros hospitais. Arriscámos, nós e o doente, e a transplantação teve sucesso, permanecendo muitos anos com o enxerto em bom funcionamento e sem problemas hepáticos”, recorda o nefrologista.

Foi no início dos anos de 1990 que Portugal reiniciou verdadeiramente a atividade de transplantação renal com dador vivo, pelas “mãos” do HSC. “O transplante com dador vivo, iniciado pelo Prof. Linhares Furtado em 1969, esteve parado no nosso país durante mais de dez anos. Com a sinergia entre nefrologistas e cirurgiões, retomámos essa atividade no HSC, que acabou por se tornar pioneiro na época moderna”, explica. Atualmente, este hospital apresenta um número acumulado de transplantes com dador vivo que é dos mais elevados a nível nacional, mas, nos últimos anos, o Hospital de Santo António tem sido o mais ativo nesta modalidade de transplantação. “A medicina do transplante é fascinante, motivo pelo qual dediquei grande parte do meu tempo a esta atividade. Consola-nos poder dar aos doentes uma opção de tratamento que, de facto, melhora a sua longevidade e, sobretudo, a sua qualidade de vida, ao contrário das outras terapêuticas substitutivas da função renal”, comenta.

ENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL E PRIORIDADE À ÉTICA

Domingos Machado foi um dos membros fundadores da Sociedade Portuguesa de Transplantação (SPT), na qual integrou diversas direções como vogal, vice-presidente e, a partir de 2001, presidente, cumprindo dois mandatos seguidos. “Na presidência da SPT, coube-me o estreitamento das relações com o Brasil [ver página seguinte], que resultou numa grande colaboração entre os dois países, da qual é exemplo a organização dos Congressos Luso-Brasileiros de Transplantação”, afirma.

Essa aproximação transatlântica deveu-se, também, aos esforços do Prof. José Medina Pestana, diretor do Hospital do Rim e da Hipertensão da Universidade de São Paulo, no Brasil, e do Dr. Norton de Matos, cirurgião vascular no Centro Hospitalar Universitário do Porto/Hospital de Santo António. “O Domingos Machado é uma pessoa muito amável e preocupada com a formação, o que facilitou o nosso objetivo de organizar o primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação. Cresceu entre nós uma amizade que vai para além das atividades institucionais. Recentemente, a meu pedido, ele prestou cuidados a Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil e um dos meus mais ilustres doentes. Sei que posso contar com a sua ajuda para o que for necessário”, revela Medina Pestana. Outras sociedades científicas com as quais Domingos Machado manteve e/ou mantém ligação são a Sociedade Portuguesa de Nefrologia, a European Society for Organ Transplantation (ESOT) e a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

Caracterizando-se como “um indivíduo curioso”, o nefrologista emprega parte do seu tempo ao estudo da Filosofia e da Ética, especialmente da Bioética e da Deontologia, que considera “imprescindíveis à prática médica”.

// Sete curiosidades no percurso de Domingos Machado

1. Esteve um ano em Moura, durante o internato policlínico, no âmbito do “Serviço Médico à Periferia”, uma experiência que possibilitou o contacto com uma população diferente da que conhecia. “Eram pessoas bastante carenciadas, algumas com mais de 60 anos que nunca tinham ido ao médico”, revela;
2. Realizou dois estágios no estrangeiro: um em Londres, no ano de 1980, durante o qual estudou sistemas de informatização dedicados a serviços de nefrologia e hemodiálise; o outro em Boston, em 1985, no departamento dirigido por B. Brenner, onde frequentou o primeiro curso de pós-graduação em Nefrologia promovido pelos hospitais de Harvard;
3. Foi responsável, em conjunto com a Dr.ª Ana Maria Correia, pela realização do primeiro registo da Sociedade Portuguesa de Transplantação;
4. Integrou o júri de vários exames finais da especialidade de Nefrologia;
5. Participou em várias comissões responsáveis por conceber os algoritmos de distribuição de órgãos em Portugal e outras normas reguladoras da transplantação de órgãos;
6. Participou, como perito convidado, em várias auditorias da Direção-Geral da Saúde;
7. Organizou a petição da Sociedade Portuguesa de Transplantação junto da Assembleia da República que levou à alteração da “Lei da Transplantação”, a partir da qual passou a ser possível a doação de órgãos por familiares para além do 1.º grau e por amigos.

Para Domingos Machado, as preocupações éticas tornam-se ainda mais primordiais no âmbito da transplantação: “Por exemplo, a definição dos critérios de alocação de órgãos é um dilema ético de enorme importância, porque é necessário compatibilizar princípios de utilidade e de justiça social, isto é, por um lado, procurar a melhor eficácia dos enxertos e, por outro, garantir que a distribuição dos órgãos seja equitativa.”

A ATRAÇÃO DA MÚSICA CLÁSSICA

Domingos Machado é um homem de várias paixões dentro do vasto mundo da Cultura, com destaque para a Música, a Literatura, o Cinema e as Artes Plásticas, sempre na perspectiva de apreciador. “Nunca deixei de fazer outras atividades de que gosto devido ao meu trabalho enquanto médico. Sempre procurei conjugar tudo”, sublinha.

Na esfera da Literatura, o nefrologista destaca o seu gosto pela ficção e por ensaios relacionados com Medicina, História e Filosofia. Já a Música, sobretudo a clássica, é a paixão que o levou a cometer mais “loucuras”. “A minha infância corresponde a uma época em que as senhoras aprendiam a tocar instrumentos musicais. Quando ia a casa das minhas tias, deliciava-me com o som do piano que enchia todos os espaços. Além disso, em casa dos meus pais, havia discos de música clássica que ouvíamos regularmente. Então, sempre conheci pessoas com um gosto especial pela Música e, logo que tive possibilidades, comecei a assistir a espetáculos ao vivo. Inclusive, há cerca de 50 anos, estive na inauguração do grande auditório da Fundação Gulbenkian, que frequento com assiduidade desde então.”

Aliando o fascínio musical e artístico ao gosto por viagens, Domingos Machado já percorreu diversos países, onde viu museus e exposições, assistiu a óperas e outros espetáculos. Um dia, estava em São Diego, nos EUA, quando soube que a ópera *La Bohème* ia estrear em Los Angeles. Conseguiu bilhetes de última hora e fez uma viagem de várias horas só para assistir ao espetáculo. O nefrologista também nos conta que o Festival de Ópera de Glyndebourne, a sul de Londres, é um dos que mais gostou de assistir. “Este festival ocorre no campo, durante a tarde, mas as pessoas vão vestidas muito formalmente, como se fossem para uma gala noturna. Ouve-se música de mais elevada qualidade e, nos intervalos, fazem-se piqueniques no relvado, junto de ovelhas. É uma experiência extraordinária!”



Trechos, em vídeo, da conversa com Dr. Domingos Machado, que comenta momentos e aspetos particulares do seu percurso pessoal e profissional

// Colaboração luso-brasileira na transplantação



O Dr. Domingos Machado e o Prof. José Medina Pestana falam sobre a amizade que os une e a colaboração entre Portugal e Brasil na área da transplantação

O Dr. Domingos Machado e o Prof. José Medina Pestana conhecem-se há 20 anos e foram construindo uma relação de amizade e colaboração profissional que acabou por aproximar os médicos brasileiros e portugueses que se dedicam à transplantação renal. O Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação, que se realiza desde 2002, é a maior prova da relação profícua que existe entre os dois países nesta área da Medicina.

Marta Carreiro

// Quando é que o Prof. José Medina Pestana e o Dr. Domingos Machado se conheceram?

Prof. José Medina Pestana (JMP): Conhecemo-nos em 2001, no 10.º Congresso da European Society for Organ Transplantation, que se realizou em Lisboa, sob a coordenação científica do Dr. Domingos Machado. O congresso foi um sucesso e serviu para começarmos a estabelecer uma forte ligação, que culminou na amizade que temos hoje em dia. A partir daí, passámos a frequentar os congressos nacionais de cada país e a pensar em trabalhos que envolvessem a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos e a Sociedade Portuguesa de Transplantação.

Como surgiu a ideia de organizar o Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação?

Dr. Domingos Machado (DM): Além de existir grande proximidade entre os dois países, por partilharmos o mesmo idioma, em Portugal reconhecemos que no Brasil se faz um trabalho de excelência na área da transplantação de órgãos. Claro que há grandes diferenças entre as várias regiões do Brasil, mas muitos centros estão ao nível dos melhores do mundo. A unidade criada pelo Prof. Medina Pestana, que continua sob a sua direção, é o local onde se realizam mais transplantes de rim a nível mundial, o que lhes dá uma grande experiência e prestígio. Fez-nos todo o sentido criar um encontro que permitisse a troca de ideias entre os dois países.

JMP: O I Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação, que se realizou em 2002, foi muito discreto. Depois, fomos consolidando e, hoje em dia, é um evento incontornável, que se realiza todos os anos, alternadamente em Portugal e no Brasil. Devido à pandemia, a 19.ª

edição, que se iria realizar em 2020, foi adiada para 2022. Apesar de, em termos totais, fazermos mais transplantes no Brasil, Portugal está melhor do que nós quanto ao número de transplantes por milhão de habitantes, apresentando resultados de muito sucesso. Por isso, aprendemos muito nestes eventos em que podemos partilhar diferentes realidades.

// Quando organizaram o primeiro congresso conjunto, tinham ideia da repercussão que viria a ter e que seria replicado até aos dias de hoje?

JMP: Não, de todo! O Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação evoluiu bastante. Inicialmente, éramos poucos participantes; hoje em dia, o evento atrai uma quantidade considerável de pessoas. Contudo, temo que a pandemia, aliada à falta de investimento por parte da indústria farmacêutica, possa afetar a participação elevada que o congresso tem registado. Penso que, mais importante do que o número de participantes, é que este encontro continue a realizar-se, permitindo o contacto estreito entre os profissionais ligados à atividade de transplantação nos dois países.

// Além da troca de experiências e conhecimentos, que outros objetivos tinham em mente quando decidiram organizar o Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação?

JMP: O principal motivo que leva alguém a organizar um congresso é juntar as pessoas. A verdade é que um congresso pode representar um momento de viragem na vida de muitos jovens, sejam internos ou especialistas. Conheço médicos que, por causa de uma apresentação ou de uma conversa durante um intervalo, decidiram redirecionar totalmente o que tinham preconizado para o seu futuro, para a sua carreira.

DM: Concordo com o que disse o Prof. Medina Pestana. O contacto humano proporcionado pelos congressos ajuda muitos médicos a definirem o seu caminho. Lembro-me de um jovem que, há uns anos, procurava a especialidade e o hospital onde iria realizar o internato. Foi parar ao Serviço de Nefrologia do Hospital de Santa Cruz, apresentando como razão principal uma conversa num congresso, em que, acompanhados por um café e um pastel de nata, falámos muito sobre a especialidade de Nefrologia e o ambiente hospitalar. Encontros informais podem desempatar a tomada de decisão.

// Nasceu mais algum projeto dos laços criados entre Portugal e Brasil no âmbito da transplantação, nomeadamente entre o Prof. Medina Pestana e o Dr. Domingos Machado?

JMP: O Dr. Domingos Machado preocupa-se muito com a formação e, quando visitou o Hospital do Rim e da Hipertensão da Universidade de São Paulo, viu um potencial de formação que o levou a tomar a iniciativa de direccionar internos e recém-especialistas para a realização de estágios, normalmente de três meses, no nosso hospital, onde têm a oportunidade de ver um elevado número de transplantes. Até agora, já recebemos mais de 20 jovens portugueses, todos muito trabalhadores e simpáticos, que aqui contactaram com as várias vertentes da transplantação num curto espaço de tempo. //